

A Cassete Foi a Arma Para Carlos Costa Conquistar os Estados Unidos da América

José Peixoto

Nascido na Póvoa de Varzim em 1981, Carlos Costa é licenciado em Artes Plásticas e é designer gráfico no Museu Municipal. Integra o projecto musical Rancho Âmazio e Motorizadas Novas. Com o patrocínio dos bolsos criou a editora de cassetes "Agiant Fern". Gravou e editou os seguintes projectos: Duas Semicolcheias Invertidas; New Fast; Alto de Pega; Kanukana; The Aloha Spirit; Tren Go! Sound System; Daring Ear e Cangarra. Pode saber mais em agiantfern.tumblr.com; agiantfern.bandcamp.com

A Voz da Póvoa – Que relação existe entre o Rancho Âmazio e os Alto de Pega?

Carlos Costa – Rancho Âmazio e Motorizadas Novas é um projecto em transformação constante. Com maquinetas construídas por nós, amplificadores recuperados em fim de vida e outras peças capazes de fazer música. Tentamos apurar a linguagem ao máximo. Dos ensaios do Rancho Âmazio acabou por sair o projecto Alto de Pega, uma banda que decidi não integrar mas que tem pessoas com vontade de tocar ao vivo.

A.V.P. – Como nasce a ideia de

criar uma editora de cassetes?

C.C. – Conheci a banda Duas Semicolcheias Invertidas, em Lisboa, há três anos, que depois de ter gravado vários CD's, queria editar uma cassete. Eu ainda não tinha a editora criada mas comprometi-me a fazer a edição. O lançamento da editora e da cassete foi a 10-10-2010, uma feliz coincidência partilhada com um concerto da banda no Porto.

A.V.P. – A internacionalização da editora aconteceu com naturalidade?

C.C. – Parte da minha inspiração para a cultura da cassete vem dos Estados Unidos, onde o mercado está saturado de editoras. Como tinha muitos contactos com músicos surgiu a oportunidade de começar a editar bandas americanas. O primeiro projecto que editei foi New Fast, de um músico que tem vários álbuns disponíveis gratuitamente na Internet, mas que nunca tinha editado nada físico.

A.V.P. – A editora acabou por criar uma marca que a define das outras?

C.C. – O grande atractivo das minhas cassetes é virem dentro de uma caixa de madeira. The Aloha

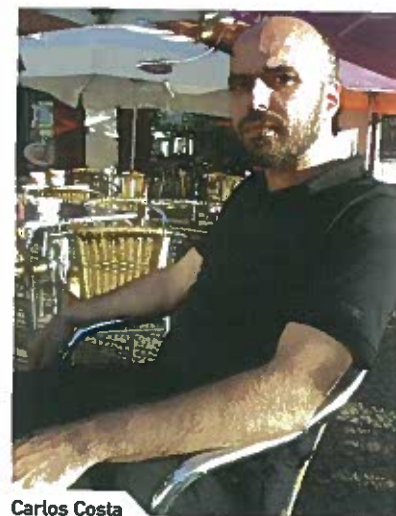
Spirit foi editado com uma gravura a laser na caixa. Foi eleito por um crítico norte-americano como o melhor artwork 2011. Uma semana foi o tempo suficiente para a minha editora ficar carregada de encomendas e para a edição esgotar. A partir daí começaram a aparecer convites mais aliciantes.

A.V.P. – Como é feita a distribuição das cassetes?

C.C. – Funciona muito por encomenda directa, mas existem distribuidores por todo o mundo que trabalham à consignação. Trabalho com a Tumentosa, uma distribuidora norte-americana que me compra as cassetes porque tem já os seus clientes certos. As distribuidoras são muito importantes porque apoiam na divulgação e têm um selo de qualidade.

A.V.P. – Como consegue cassetes num mercado onde até o CD tende acabar?

C.C. – Em Águas Santas há a Edisco, uma das poucas fábricas de cassetes que existem. Do rancho ao fado, do rock ao metal, foi tudo lá gravado. Com a cassete a finar-se, surgiu nos últimos anos uma corrente musical, onde a música Pop se junta à música



Carlos Costa

improvisada, que edita os seus trabalhos em cassetes. Ninguém estava à espera disso e as fábricas de cassetes começaram a ganhar dinheiro outra vez.

A.V.P. – Uma editora de cassetes no século XXI não é uma utopia?

C.C. – Assumidamente isto é um mau modelo de negócio, mas em termos criativos e artísticos traz muitos dividendos e mantem-nos independentes. Uma editora de cassetes não pode viver isolada, precisa das pessoas que produzem e consomem música, porque o contacto é directo. É fundamental cultivar essa relação de proximidade mesmo na Internet. É também uma revolta contra a indústria pelo lado do divertimento.

Renascer Para Navegar

A 27 de Fevereiro de 1991 dava-se o levantamento da quilha no picadeiro. Data da maior tragédia marítima para a colmeia piscatória poveira acontecida em 1892. Seis meses e alguns dias depois, a 15 de Setembro de 1991, cerca de duas mil pessoas testemunhavam o Bota-Abaixo. Ou seja a condução do barco de onde está varado até à linha da maré, na enseada do Porto de Pesca.

A Voz da Póvoa, na sua edição de 19 de Setembro de 1991, deu a toda

a primeira página uma fotografia da Lancha Poveira e um só título "BOTA-ABAIXO". Nas duas páginas dedicadas ao acontecimento podia ler-se: "fruto de uma ideia de Manuel Lopes, director do Museu Municipal de Etnografia e História, e da sua persistência, a cerimónia do «Bota-Abaixo» da Lancha «Fé em Deus» constituiu igualmente o resultado da vontade colectiva. Câmara Municipal, Clube Naval Povoense e classe piscatória deram as mãos, unindo

esforços para a recuperação deste tesouro cultural". Concretizava-se o sonho e retomava-se o saber-fazer de uma embarcação que simboliza e identifica toda uma comunidade.

Para que a vontade nunca esmoreça, a "Fé em Deus" festejou, sábado, os 21 anos de navegações, com mais uma saída ao mar da Póvoa. Manuel Costa, director da Biblioteca Municipal da póvoa de Varzim, juntou-se à tripulação comandada pelo mestre Agonia Areias,

que desde a primeira hora é o homem do leme da lancha poveira do alto.

O mar recebeu a "Fé em Deus" com a inquietude própria das marés que chamam o Outono, mas o vento compareceu sem vontade de agarrar o pano. Ancorada no seu ninho de água, a lancha desdeixou o mar. Mas promete voltar porque «a Lancha Poveira renasceu para navegar».



Lancha Poveira

PUB

27 ANOS a ensinar línguas

desde 75 euros

© design: linkage.pt

ESPAÑHOL INGLÊS

INSCRIÇÕES ABERTAS
Ano Letivo 2012/13

Início das Aulas 1 OUTUBRO

Vila do Condo Centro Municipal da Juventude
252 644 087

Póvoa de Varzim Praceta Orfeão Poveiro
252 683 014

www.manitoba.com.pt
secretaria@manipovoia.pt